

## Leituras do feminino a partir das rimas do poeta Manoel Monteiro

Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO<sup>1</sup>  
Jenifer Sara da Silva PACHÚ<sup>2</sup>  
Dayane da Silva ANDRADE<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo foca as mudanças sofridas pelo gênero feminino utilizando como ponto de partida a visão do poeta Manoel Monteiro no cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*. Através das rimas, o texto em análise faz referência ao pensamento retórico e machista que desconsidera as conquistas femininas ao longo dos anos e a luta travada em prol de seus direitos na sociedade. Os procedimentos metodológicos se pautam numa pesquisa bibliográfica e numa aproximação com a Análise de Conteúdo, no sentido de demonstrar que a Literatura de Cordel representa uma das significativas expressões da comunicação popular, retratando o cotidiano social.

**Palavras-chave:** Manoel Monteiro. Literatura de Cordel. Gênero Feminino

### Abstract

This article focus on the changes undergone by females using as starting point the vision of the poet Manoel Monteiro in twine *The old woman and the woman of today*. Through rhymes, the text in question refers to the rhetorical and sexist thinking that disregards women's achievements over the years and the struggle in favor of their rights in the society. The methodological procedures are guided on a literature review and an approach to content analysis in order to demonstrate that Cordel Literature is one of the significant expressions of popular communication, portraying the everyday social life.

**Key-words:** Manoel Monteiro. Cordel Literature. Gender Male

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Curso de Comunicação Social da UEPB. E-mail: rนาดา@terra.com.br

<sup>2</sup> Graduanda de Comunicação Social –Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jeniferpachu@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda de Comunicação Social –Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: dayandrad01@gmail.com

## Introdução

Esse artigo propõe uma análise da obra *A mulher de Antigamente e a mulher de hoje em dia* do cordelista Manoel Monteiro, que mostra a visão machista de uma grande parcela da classe masculina que se recusa a valorizar ou compreender as conquistas femininas na sociedade.

Esse pensamento considerado retóricotem um sentido literal, pois sua origem deriva da antiguidade,tempo em que as mulheres eram vistas como objetos, cumprindo funções de esposas e mães, ou apenas tratadas como elementos decorativos numa sociedade, cujos valores eram determinados pelos homens, sujeitos ativos na sua condição de pais ou maridos, “provedores” a quem elas deviam respeito e obediência.

A temática central do cordel tem esse contexto como pano de fundo, apresentando uma sátira ao preconceito,narrando atrajetória da mulherdo mito sagrado da criação do mundo até suas transformações enquanto ser social, que hoje ocupa papel ativo no mercado de trabalho. Trata-se de uma produção do ano de 2012,organizada em 38 sextilhas, na qual o autor, utilizando-se das figuras de Adão e Eva, aborda a contemporaneidade do feminino expondo suas conquistas e principais desafios na sociedade. Nos versos, a mensagem é transmitida do ponto de vista masculino e a mulher aparece, no nível semântico, apenas em terceira pessoa.

Com este ponto de partida, este artigo, fruto de uma pesquisa em andamento,apresenta uma revisão de literatura sobre gênero e adota a Análise de Conteúdo como proposta metodológica, a partir da seleção de fragmentos do cordel, que são inseridos ao longo da discussão,a fim de estabelecer cruzamento e conexão com osenfoquesteóricos.

Para Franco (2008) o método da Análise de Conteúdoleva em conta, na observação dos textos, a interação com o lugar social das produções, a influência presente nas mensagens, os impactos que provocam, os efeitos que orientam diferentes comportamentos e ações, bem como as condições históricas, sociais e mutáveis, que influenciam crenças, conceitos e representações sociais, traduzidas nos escritos. Desse modo, trabalhar com AC implica selecionar recortes intencionais da realidade estudada buscando-se compreender as relações da linguagem com as intertextualidades da

sociedade que a originou. Assim, destacamos algumas estrofes para análise de suas abordagens.

No primeiro momento, salientamos os significados da Literatura de Cordel e ressaltamos a relevância da obra de Manoel Monteiro não apenas para o estado da Paraíba como para o país. Na sequência, discutimos o conceito de gênero para embasar a análise pretendida.

## **A literatura de cordel e a obra de manael monteiro**

A literatura de cordel é uma espécie de poesia popular impressa e divulgada em folhetos ilustrados pelo processo de xilogravura. A arte de escrever em versos chegou ao Brasil no século XVIII através dos portugueses e aos poucos foi se tornando cada vez mais popular.

De origem ibérica, o cordel chegou ao Brasil em forma de trovas, repentes e modinhas, gêneros que representam as expressões e desejos populares. Os folhetos receberam esse nome pelo fato de serem presos por um pequeno cordão ou barbante em exposição nas feiras e nas casas em que eram vendidos. Contudo, Apolinário (2007) explica que a palavra cordel é questionada por alguns, por ser pouco utilizada no Brasil como sinônimo de barbante. Assim, “a expressão *folheto de feira* é muito mais frequente porque os cordéis são folhetos, pequenos livros feitos com folhas de papel jornal, destaque nas feiras do Nordeste brasileiro até o final da década de 80” (APOLINÁRIO, 2007, p. 3).

Bastante acessível pelo seu baixo custo, ganharam força nessa região, sendo consumidos, inicialmente, por pessoas sem acesso aos livros, em razão das dificuldades socioeconômicas. As temáticas geralmente são voltadas para assuntos do cotidiano ou de cada região do país, sempre através do tom de humor que transparece nos versos. Manifestação artístico-cultural típica nordestina, os temas retratam quase sempre o cangaço, as vaquejadas, as secas, os misticismos, os romances e as fantasias comuns aos folclores da região. São pensados para o cancionero popular, uma vez que os versos são adequados para melodias ou declamações em locais públicos e de grande movimento de pessoas. “A exigência da métrica, normalmente cinco, sete ou dez sílabas poéticas, e as

rimas (estrofes que compõem sextilhas, septilhas, oitavas e décimas) fazem dos poemas de cordel bons de ouvir, gostosos de aprender, fáceis de memorizar e repetir” (MONTEIRO, 2008, p. 3).

Dentre os principais cordelistas contemporâneos, o nome Manoel Monteiro alcança notoriedade por uma obra vasta e qualificada, que transcendeu o espaço popular e se tornou material didático em várias escolas do país, caso do livro “*A Espanhola Inglesa*”, de sua autoria, baseado no romance de Miguel de Cervantes, publicado em 2008 pela Editora Scipione com distribuição nacional.

Manoel Monteiro da Silva ou simplesmente “Manoel Monteiro”, como costumava assinar os seus trabalhos, nasceu em Bezerros, no estado de Pernambuco, no dia 4 de fevereiro de 1937. Mudou-se para a cidade de Campina Grande, na Paraíba, ainda jovem, onde viveu até os seus 78 anos e montou sua própria cordelaria (“oficina de textos”, conforme explicava), localizada no bairro do Santo Antônio. Membro da Academia Brasileira de Cordel, sua obra foi reconhecida em razão dos versos rimados e metrificados, que dão vida a narrativas sensíveis e inteligentes. Durante sua trajetória, participou de palestras e debates nas escolas, com o intuito de que seus escritos fossem usados durante as aulas para influenciar as crianças para o hábito da leitura.

Na obra acima referida, o poeta salienta que hoje dispomos de um *Novo Cordel*, que não destoa na poesia, nas regras, na forma, mas que prima pela correção da língua, pela riqueza e atualidade das informações. Nesse sentido, o autor ressalta que o cordel não é um gênero “menor ou desqualificado, produzido por iletrados”, mas que rompeu os limites das periferias ou do campo, tornando-se uma literatura rica que tem muito a contribuir em termos de possibilidades educativas.

O cordelista desapareceu no dia 30 de maio deste ano e seu corpo foi encontrado no dia de 07 de junho, em um quarto de hotel em Belém no Pará. Até a sua morte, foi considerado o maior cordelista em atividade no mundo. Entre suas principais obras destacamos: *A Mulher de Antigamente e a Mulher de Hoje em Dia*; *Cartilha do Diabético*; *Quem não usa camisinha não pode dizer que ama*; *Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as Águas do Brasil!* e *A evolução do papel – da China aos dias de hoje*.

## A visão feminina nos versos do cordel

Na antiguidade, a figura da mulher é associada à fragilidade e à submissão. Segundo a Bíblia Sagrada, no livro de Gênesis<sup>4</sup> Eva foi a primeira mulher criada por Deus para procriar e, juntamente com Adão, civilizar a terra. Durante toda a história as mulheres trabalharam como escravas, lavrando a terra, cozinhando, produzindo artesanato. Como tiveram o seu direito de igualdade de gênero cerceado, por muito tempo não tiveram direito a voto e à educação. Quando lhes foi permitido estudar, a formação era diferente da incentivada aos homens: enquanto aprendiam a cozinhar, costurar, cuidar dos filhos e da casa; os homens eram educados para a matemática, eletrônica, mecânica. Quando se dirigiam aos maridos para discutir alguma questão teriam que tratá-lo como “Senhor”, ao qual deviam servir fielmente.

Numa alusão a esse contexto histórico, nos cordéis, a mulher surge permeada de estereótipos: ora é frágil e submissa, ora é comparada ao diabo, “à tentação”, assumindo papel de objeto sexual para seduzir o homem e “decorar” sua existência. A figura masculina é citada como estigma do ser superior, sobretudo quando os versos fazem referências aos países de cultura oriental, onde a desvalorização feminina continua sendo dominante. No trecho abaixo vislumbramos Eva enquanto representação do “pecado”, e Adão associado a um homem viril que teria sido tentado e sucumbido aos encantos femininos:

Você já imaginou  
Eva dengosa e faceira  
Tendo só por vestimenta  
Uma folha de parreira?  
Não precisava nem Cão  
Para Adão fazer besteira (MONTEIRO, 2012, verso 05).

Algumas questões sobressaem: Eva teria “culpa” por atrair Adão? A ideia de sensualidade só permeia o universo feminino? Em março de 2014, mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

---

<sup>4</sup> Gênesis (do grego Γένεσις, "origem", "nascimento", "criação") é o primeiro livro tanto da Bíblia Hebraica como da Bíblia Cristã.

(IPEA) divulgou uma pesquisa em que 26% dos brasileiros entrevistados concordavam “total ou parcialmente” que a postura da mulher é a principal incentivadora ao estupro algo. Nesse sentido, emerge a tendência de se culpar as mulheres pelos casos de violência sexual, sugerindo que os agressores foram “seduzidos” por elas. A roupa usada pela vítima é que “instiga” o homem a praticar abusos.

Outro dado que foi divulgado pelo Instituto afirma que 58,5% concordam que haveria menos estupros se as mulheres soubessem “se comportar”. Tal situação gerou uma grande campanha através das redes sociais, conhecida como “Eu não mereço ser estuprada”, idealizada pela jornalista Nana Queiroz e que mobilizou milhares de mulheres que lutam pela sua liberdade.

Desse modo, como explicar os altos índices de estupros, assédio sexual e mutilação genital nos países árabes onde as mulheres usam burca<sup>5</sup>? Uma resposta para essa pergunta pode partir daquela cultura onde os homens têm todos os direitos e as mulheres, nenhum. É difícil acreditar que em pleno século XXI ainda existam sociedades antiquadas, que utilizam os dogmas religiosos para cercear a liberdade do sexo feminino. Percebemos resquícios desta ideia em outro trecho do cordel, quando os versos apontam um certo saudosismo em relação ao passado, tempo em que as mulheres se mostravam mais recatadas:

Houve um tempo que a mulher  
Era bicho conhecido:  
Usava saia godê  
Blusa de manga, vestido  
Longo, anágua, meia e xale,  
Cabelo sempre comprido (MONTEIRO, 2012, verso 20).

## **Rompendo as fronteiras de gênero**

O conceito de gênero começou a ser estudado na década de 1980, com a intenção de definir as relações sociais entre ambos os sexos. Hill (1995) e Samara (1997) avaliam que o termo surgiu da necessidade da absorção do gênero pela História, assim como ocorreu com as definições de classe e raça, no âmbito sociológico. A

---

<sup>5</sup> Burca é uma veste que cobre corpo e rosto, contendo uma rede nos olhos. É usada pelas mulheres do Afeganistão e Paquistão, sendo considerada um símbolo do Talibã.

interação dos três conceitos é essencial para a história, com o cuidado de não se adotar apenas um como forma dominante e isolada, desconsiderando os demais. Segundo Gonçalves (2006), existem muitas polêmicas sobre essa questão e uma delas consiste em considerar que a categoria foi assimilada e passou a ser sinônimo de história das mulheres. Ou seja, algo que só se refere ao feminino. Este erro, embora recorrente, pode ser evitado ao pensarmos que o conceito surge justamente para trazer às discussões tanto o feminino quanto o masculino.

Trazendo o enfoque para a história no Brasil, Silva (1987) explica que esse processo de construção conceitual teve início na década de 1970. Suas origens vão desde o movimento feminista à pesquisa histórica que, caminhando rumo à demografia histórica, à história da família, à história do cotidiano, depara-se com a história das mulheres e volta-se para ela a fim de compreender suas nuances. No entender de Matos (2005), alguns fatores explicam a maior presença de mulheres nos estudos acadêmicos dos últimos anos, tais como sua crescente presença no mercado de trabalho e suas lutas sociais pela igualdade de direitos. Para Moreira (2000), o que talvez tenha causado tantos impasses em torno da categoria gênero seja a carência de configurações interpretativas e conceituais que possam servir de suporte e de ferramentas para a descoberta de outras realidades históricas.

Culturalmente a mulher foi criada para ser a dona do lar. Desde criança foi educada para desmembrar essas tarefas e desenvolveu um papel secundário na sociedade, na condição de esposa e mãe incorporava as suas responsabilidades primordiais. De acordo com McGoldrick (2008) as expectativas em relação às mulheres estavam sempre vinculadas aos cuidados com o outro: sua vida era regida pela figura masculina, primeiro o pai, depois o marido, em ordem de importância, sendo seu desenvolvimento social vinculado aos destes sujeitos. A mulher dentro da família era a responsável por manter os relacionamentos afetivos, como estabelecer os rituais em relação à religião, à educação dos filhos, às festas comemorativas e por conservar as tradições genéticas. Por isso, a educação de crianças foi seu primeiro exercício profissional quando passaram a frequentar os cursos de formação da Escola Normal, dirigida às meninas. Na Grécia antiga, por exemplo, as mulheres não eram consideradas

como cidadãs, não recebiam educação em escolas e ficavam trancafiadas em casa, recebendo de suas mães algumas dicas capazes de torná-las excelentes esposas.

Em meados do século XIX, com o advento da I Guerra Mundial, essas condições começaram a se reverter. Enquanto os homens saíam para lutar nas guerras, as mulheres tomavam à frente dos negócios, e foi a partir desse momento que elas começaram a deixar o lar e buscar o sustento para a família. Essa inserção no mercado de trabalho começou a reformular a estrutura familiar, cujo paradigma patriarcal determinava que apenas o homem deveria trabalhar, e a esposa, viver exclusivamente para o lar. Para o sexo masculino essa transição se mostrou difícil ao longo dos tempos, pois assim como a mulher foi educada para o lar, o homem foi ensinado a suprir as necessidades da família. Nesse sentido, a nova mulher viveria “competindo com o homem”, visão que o cordelista trata como uma possível inversão de papéis que incomoda o universo masculino:

Por isso elas estão todo dia  
Tomando o nosso lugar  
Se continuar assim  
Só o que vai nos sobrar  
É o tanque de lavar roupa  
E o ferro de engomar(MONTEIRO, 2012, verso 11).

Percebemos nitidamente em diversos versos o quanto é/foi difícil para alguns homens aceitar essa nova mulher, que se divide entre as atividades domésticas e as atividades profissionais. O autor ainda menciona que “em toda repartição tem uma mulher”, enquanto isso nos lares, elas estão faltando. Continua dizendo “que é uma temeridade elas trabalharem fora, pois quando isso acontece eles perdem sua autoridade”.

Não sabemos ao certo se o verso traduz um pensamento egocêntrico do homem ou o medo de perder o espaço e se transformar num “Rei do Lar”, enquanto a sua mulher trabalha para conquistar novos espaços, seja dentro de casa, tendo mais liberdade para reivindicar os seus direitos, seja no ambiente profissional. No trecho a seguir o poeta se refere à atual responsabilidade masculina na divisão de tarefas com os cuidados dos filhos:



Com certeza, brevemente  
Vamos ser o Rei do Lar  
Com um pequeno problema  
Difícil de consertar  
É que além de mamadeira  
Vamos ter que amamentar(MONTEIRO, 2012, verso 14).

A nova sociedade feminina construída ao longo dos anos entre lutas e desafios precisa aprender agora a lidar com a insegurança dos homens e o pensamento de competição que se insinua entre eles. Nos versos abaixo o cordelista se refere às mulheres de modo irônico e pejorativo, sugerindo que as habilidades femininas buscam se equiparar com as masculinas, como se não fossem expressões de competência:

Hoje? São muito folgadas  
Escolhem até profissão  
Querem se igualar a nós  
Só falam em liberação  
Umas já dirigem trem  
Outras até avião (MONTEIRO, 2012, verso 3).

Entretanto, apesar das inúmeras conquistas, ainda há diferença significativa na questão salarial, pois muitas vezes as mulheres exercem cargos elevados e sua remuneração é menor do que a do sexo masculino. Essa realidade se dá pela discriminação que alguns setores produtivos têm em relação às mulheres, sobretudo se estão em idade fértil, uma vez que a maternidade pode interromper suas funções e afastá-las do mercado. Em sentido amplo, a independência financeira contribuiu para a valorização da autoestima feminina, gerando maior autonomia em suas escolhas, tanto no nível pessoal quanto profissional.

## **Quebrando “tabus”**

Falar sobre sexo ou sexualidade sempre foi um tabu<sup>6</sup> na sociedade. Desde sempre a questão da virgindade foi considerada um tema difícil de abordar. Se hoje

---

<sup>6</sup> Tabu em linguística é a imposição de uma proibição "maldição", "preconceito de indivíduos e/ou grupos políticos" de dizer nomes de certas coisas ou pessoas, como as perseguições religiosas e políticas, segundo esclarece Freud em sua obra. Normalmente, para escapar aos tabus, utilizam-se eufemismos ou disfemismos. Os tabus da linguagem dividem-se em três grupos, de acordo com o uso ou a motivação psicológica: uns são devido ao medo, outros a um sentimento de delicadeza e outros, ainda, a um sentido de decência e decoro.

muitos acham o assunto constrangedor, imagine “antigamente”, numa referência à palavra utilizada por Manoel Monteiro. O ato sexual só era permitido após o casamento e com a finalidade de procriação, excluindo-se qualquer referência ao prazer feminino. Caso a mulher já tivesse tido qualquer relação sexual antes do matrimônio era considerada impura. Em algumas sociedades, como a indiana, esse fato gerava humilhação pública com a devolução da noiva às famílias. Em contrapartida, os pais levavam os filhos ainda adolescentes aos cabarés ou bordéis para sua iniciação sexual, costume que vigorou no Brasil por muitos anos.

Os versos a seguir ilustram como a mulher era vista pela sociedade quando não era mais virgem, citando o direito masculino de “devolvê-la” como se fosse uma mercadoria “violada”:

Se o marido descobrisse  
Na hora da “inspeção”  
Que antes dele outro homem  
Havia passado a “mão”  
Tinha direito de  
Fazer devolução (MONTEIRO, 2012, verso 25).

Hoje, dentre as importantes conquistas, destacam-se a liberdade sobre suas vidas e o poder de decidir sobre o que desejam fazer com o seu corpo, inclusive se vão querer ou não ter a sua primeira vez antes ou depois do casamento.

Outro tema de grandes polêmicas e debates é a questão da orientação sexual. O preconceito contra homossexuais deriva de construções sócio-históricas inspiradas nos preceitos cristãos de que a mulher foi feita para o homem e vice-versa. O cenário contemporâneo mostra reestruturações na formação da família, numa ruptura do modelo patriarcal. Vemos muitos casos de mães solteiras, viúvas, divorciadas em relações homoafetivas, assim como pais que dividem a vida familiar com um companheiro.

A união de casais do mesmo sexo é uma conquista dos movimentos de gênero e foi reconhecida judicialmente a partir do dia 14 de maio de 2013, quando o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução que obriga todos os cartórios do país a celebrar esses casamentos.

---

Manoel Monteiro recusa a modernidade do tempo presente e enfatiza a rejeição à homossexualidade nos versos abaixo, talvez porque o seu contexto histórico tenha sido mais conservador em relação a essa temática:

Naquele tempo a mulher  
Era um ser quase Divino,  
Vivia para o marido  
E para fazer menino.  
Mulher não falava grosso  
Homem não falava fino! (MONTEIRO, 2012, verso 19).

## **A violência e o machismo: reflexos históricos**

Onde tem homem que manda  
Uma lei se estabelece  
A mulher é submissa  
Porque sábia reconhece  
Que manda quem tem força  
Quem tem juízo obedece (MONTEIRO, 2012, verso34).

Os versos acima valorizam a força masculina e a colocam como autoridade no espaço da família. Essa realidade é evidenciada no cotidiano de algumas mulheres, que sofrem violência, seja física, psicológica ou sexual.

Trata-se de uma mazela social que não se distingue entre as classes. A visão em torno dos homens está sempre relacionada a adjetivos de virilidade, coragem e agressividade. Esses estereótipos se multiplicam através dos noticiários policiais, aocitarem diariamente estatísticas que atestam mulheres mortas, agredidas ou abusadas sexualmente pelos seus companheiros. Estudos de gênero associam as causas desses crimes ao preconceito e a intolerância (FONSECA; LUCAS, 2006).

As agressões acontecem em toda parte do mundo e a mulher geralmente sofre violência de pessoas próximas, seja um pai, um irmão ou esposo. Segundo dados divulgados pelo IPEA:

Entre 2009 e 2011, o Brasil registrou 16,9 mil feminicídios, ou seja, “mortes de mulheres por conflito de gênero”, especialmente em casos de agressão perpetrada por parceiros íntimos. Esse número indica uma taxa de 5,8 casos para cada grupo de 100 mil mulheres.

Contudo, o medo de sofrer represálias por parte dos amigos, familiares e até do próprio agressor interfere diretamente na denúncia de muitos casos que ficam impunes. Em resposta a esse cenário e em nome das constantes lutas feministas por cidadania, surgiu no Brasil, no dia 07 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha, que prevê pena para os agressores envolvidos na violência doméstica, em homenagem à cearense que ficou paraplégica devido a uma tentativa de assassinato do esposo e que lutou por 20 anos para que seu agressor fosse preso. Assim como a mulher que inspirou a Lei, existem muitas outras no país afora vivendo a mesma situação.

Esse contexto gerou a necessidade de políticas públicas voltadas para mulheres vítimas de violência, através da implantação de instituições de atenção específicas, a exemplo de Delegacias de Proteção às Mulheres (DPMs) e centros de referência de atenção à mulher em situação de violência e risco, que encorajam as vítimas às denúncias.

Crescêncio (2011) lembra que, durante a década de 1980, Rita Lee e Zélia Duncan eternizaram, por meio da música, a noção “de macho” desvinculada de um teor considerado natural: “Sou mais macho que muito homem.” O machismo nada mais é do que uma não aceitação do direito de igualdade entre os sexos, na defesa de que a mulher deve ser submissa. Esse pensamento pode ser verificado nas rimas abaixo, quando se lê que o destino feminino “é voto vencido”, decidido pelo homem:

Desde os tempos da caverna  
É por todos conhecido  
O destino da mulher  
De ser volto vencido  
Subalterna ao bisavô,  
Ao avô, pai e marido (MONTEIRO, 2012, verso 35).

O sexo masculino utilizou o “poder” que exercia na sociedade como artifício para oprimir a mulher. Em resposta a esse comportamento surgiu o movimento conhecido como Feminismo que, ao contrário do machismo, luta pela igualdade entre os sexos. Esse movimento não busca destruir a ideia de família, porém rompe o velho paradigma de que “lugar de mulher é em casa e no fogão”.

Os últimos versos destacados demonstram que não foi pretensão do autor menosprezar ou diminuir as mulheres, mas manifestar em forma de poesia e numa linguagem lúdica os pensamentos machistas e retrógrados que ainda existem na sociedade. Mas, sem perder o tom, a “brincadeira” introduz o argumento de sua defesa:

Lá em casa, pelo menos,  
A mulher não ignora,  
A última palavra é minha  
Achou ruim? Vá embora!  
A mulher diz: - Cala boca!  
Eu respondo: - Sim, senhora!

Mulherada do Brasil  
Desculpe este meu falar  
Tudo isso é brincadeira  
Do poeta popular,  
Se não houvesse mulher  
Era preciso inventar! (MONTEIRO, 2012, versos 36-37).

## Conclusão

A literatura de cordel, que surgiu como desdobramento do cancionero popular, não representa o saber formal e instituído, mas institui o saber da tradição, narra às histórias do cotidiano e traduz os ditos sociais num discurso acessível a todas as classes. O texto analisado reflete esses aspectos e mostra que a mulher sempre enfrentou os estigmas da submissão, opressão e humilhação na luta por igualdade de gênero. Os versos apontam que o perfil feminino da sociedade atual é bastante diferenciado daquele que vigorou nos séculos passados, considerando-se as muitas conquistas alcançadas no âmbito profissional. Sabemos que o preconceito não é algo que ficou para trás, afinal ainda existe e precisa ser enfrentado em todas as instâncias. Contudo, a linguagem popular analisada se reporta às lutas do “sexo frágil” retratando seus desafios em tom de paródia ou sátira. O riso e a brincadeira não podem minimizar a importância do debate de gênero, discussão que precisa permear as políticas públicas, educacionais, bem como inspirar novos projetos e pesquisas na esfera do conhecimento acadêmico.

## Referências

APOLINÁRIO, Rodrigo Emanuel de Freitas. **Literatura de cordel na Paraíba:** da Serra de Teixeira à Internet. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, agosto/setembro de 2007.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Veja o machismo:** discursos sobre machismo produzidos por Millôr Fernandes na revista Veja (1968-1984). XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho, 2011.

FONSECA, Paula Martinez da; LUCAS, Taiane Nascimento Souza. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas.** Salvador - BA, 2006.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Brasília, 2008.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e gênero.** BH: Autêntica, 2006.

HILL, Bridget. **Para onde vai a história da mulher? História da mulher e história social:** juntas ou separadas? Varia História, Belo horizonte, n.14, set./1995.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher.** Bauru: Edusc, 2005.

MCGOLDRICK, Monica; CARTER, Betty. **A mudança no ciclo de vida familiar:** Uma Estrutura para a Terapia Familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MONTEIRO, Manoel. **A espanhola inglesa.** Baseado na obra de Miguel de Cervantes. São Paulo: Scipione, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Mulher de Antigamente e a Mulher de Hoje em Dia.** (CORDEL) 9ª Ed. Campina Grande – PB, 2012.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum; SAMARA, SOIHET & MATOS. **Gênero em debate:** trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. Revista Brasileira de História. São Paulo, 2000, v. 20, n.39.

SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: SAMARA, SOIHET & MATOS. **Gênero em debate:** trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. SP: Educ, 1997.

SILVA, Maria Beatriz Nizzada. **A história da mulher no Brasil:** tendências e perspectivas. Revista do IEB, São Paulo, 1987.